

ASPECTOS PSICOLÓGICOS DE ESPERANÇA\*  
*HOPE: PSYCHOLOGICAL ASPECTS*

Giovanni Cucci, S.J.\*\*

**Resumo:** A encíclica *Spe salvi* de Bento XVI põe em evidência o tema da esperança, que resulta menos aceita pela moderna reflexão cultural. O artigo explora tal carência, sobretudo no nível da pesquisa psicológica, mostrando-lhe algumas recaídas na vida concreta.

**Palavras-chave:** Esperança - Aspectos psicológicos - Carta Encíclica *Spe salvi* - Papa Bento XVI.

**Abstract:** *Pope Benedict XVI's encyclical Spe salvi highlights the topic of hope, which is less accepted by modern cultural reflection. This article will inquire into this deficiency, especially in terms of psychological research, showing that it is recurrent in actual life.*

**Keywords:** *Hope - Psychological aspects - Encyclical Letter Spe salvi - Pope Benedict XVI.*

A encíclica de Bento XVI *Spe Salvi*<sup>1</sup> enfrenta um ponto essencial da vida humana, mesmo que muitas vezes descuidado pela moderna reflexão cultural, um desinteresse demonstrado também pela pouca atenção reservada a este documento, diferentemente do que aconteceu por ocasião de pronunciamentos sobre questões político-sociais ou de ética sexual. E o tema posto em evidência pela encíclica é decisivo para uma existência que se quer sensata, uma vez que a resposta à pergunta sobre a esperança está presente em todo acontecimento humano, enquanto busca de sentido.

O ser humano não é capaz de desenvolver-se sem um ambiente favorável, sob o signo do sentido, da ordem, da confiança e da estabilidade, como nota Berger:

---

\* Artigo originalmente publicado em *La Civiltà Cattolica*, IV (2008), p. 31-40.  
Tradução de Maria Alves Müller.

\*\*O autor é professor no *Istituto Filosofico Aloisianum* (Pádua) e na Pontifícia Università Gregoriana (Roma).

<sup>1</sup> Cf. BENTO XVI, Carta Encíclica *Spe Salvi*, 30 de novembro de 2007, In: *La Civiltà Cattolica* IV (2007), p. 555-593.

De fato, os psicólogos da infância nos dizem que não pode haver amadurecimento psicológico se, no início do processo da socialização, não há fé na ordem. A inclinação que o homem tem pela ordem funda-se numa espécie de fé ou de confiança que, no fundo, a realidade esteja “em ordem”, que “tudo vai bem”, que esteja “como deveria estar” (...). O papel que um genitor assume não é só aquele de representar a ordem desta ou daquela sociedade, mas a ordem em si, a ordem que rege o universo e que nos persuade à confiança na realidade.<sup>2</sup>

Do mesmo modo, todo conhecimento e ação humana, enquanto orientada a compreender, requer um sentido, entendido como capacidade de inserir o que aprendeu numa estrutura ordenada e harmônica. O psiquiatra Yalom reconhece na busca, frequentemente sofrida, de um sentido o elemento comum na base da grande variedade de pessoas e situações encontradas no curso de sua longa profissão de terapeuta, como característica insuprimível do ser humano: “Somos seres votados à busca de sentido. Também do ponto de vista biológico o nosso sistema nervoso é estruturado de tal modo que os estímulos provenientes do exterior são automaticamente organizados pelo cérebro em estruturas internamente dotadas de sentido”.<sup>3</sup> E a esperança é garantia da presença de um sentido na vida, sobretudo quando ele não parece imediatamente controlável ou posto fora das próprias possibilidades.

A nossa revista já se ocupou precedentemente da encíclica apresentando o seu conteúdo nas suas linhas essenciais<sup>4</sup>; neste artigo gostaríamos de mostrar a importância que a esperança se reveste do ponto de vista psicológico, como virtude ligada à vida, resposta de confiança e ao mesmo tempo procura de significado face às dificuldades e às provações ultimamente face à morte. Neste sentido a esperança constitui sempre uma procura de salvação: “Nós somos salvos na esperança”, como lembra a encíclica (n.1) citando São Paulo (Rm 8,24).

---

<sup>2</sup> BERGER, P. *Il brusio degli angeli*. Bologna: Il Mulino, 1969, p. 92 e 94.

<sup>3</sup> YALOM, I. *Guarire d'amore. I casi esemplari di un grande psicoterapeuta*. Milano: Rizzoli, 1990, p. 18.

<sup>4</sup> Cf. *La Civiltà Cattolica*, IV/2007, p. 521-527.

## A REFLEXÃO CLÁSSICA

Para os antigos, a esperança pertencia àquela faculdade da *psiché* chamada ‘irascível’<sup>5</sup>, entendida como capacidade de enfrentar os obstáculos; ela é a “cara feia” que fornece força e coragem para não sucumbir face às dificuldades, de modo a levar a termo a empresa enfrentada<sup>6</sup>. Sem a energia do irascível um atleta não poderia nunca vencer uma competição; um estudante não teria a coragem de apresentar-se ao exame, embora conhecendo com perfeição todas as coisas; não seria possível concluir um trabalho, assim como resultaria impossível a durabilidade e a perseverança nas relações. Trata-se de uma reflexão amplamente confirmada pelas pesquisas atuais do ponto de vista neuropsicológico; elas reconhecem como os mesmos processos cognitivos do raciocínio pressentem um notável componente afetivo e sobretudo inconsciente<sup>7</sup>.

Santo Tomás, tratando da faculdade do irascível, retoma a linha de leitura dos antigos juntando uma observação muito profunda do ponto de vista psicológico; ele nota que se se supera um obstáculo e o supera é porque antes de tudo se ‘pensa’ poder enfrentá-lo (há portanto um momento valorativo-especulativo prévio) e, em segundo lugar, porque executando tal ação se está convencido que as coisas andarão melhor, que aquela atividade comportará uma satisfação. Estas duas características indicam como a agressividade constitui o fundamento natural (‘passional’)

---

<sup>5</sup> O tema do irascível penetra no mais geral tratamento das paixões da alma em São Tomás de Aquino, que retoma e sistematiza a precedente análise de Aristóteles. Ele vê no irascível uma ajuda para conseguir o bem (cf. *Summa Theol.*, I-II q.23, a. 1). No curso deste desenvolvimento, São Tomás especifica três grupos de paixões do irascível: “a esperança e o desespero, o temor e a audácia e finalmente a ira, que não tem uma paixão contrária” (*Summa Theol.*, I-II, q. 3, a. 4). O tema das paixões da alma foi tratado também pelos antigos Padres da Igreja, sobretudo Evágrio e Cassiano.

<sup>6</sup> Cf. *Summa Theol.*, I-II, q. 25, a. 3, ad um.

<sup>7</sup> Conforme a pesquisa realizada a respeito por L. ARCURI - B. GAWRONSKI, “The Unseen Mind”, *Science*, 22 de agosto de 2008, 1046 s. Arcuri comentava nestes termos os resultados da investigação: “Comumente se pensa que quando os indivíduos decidem entre duas alternativas o fazem na base de argumentações ativadas de maneira consciente a propósito das opções em jogo. Os nossos dados neste trabalho e em outros trabalhos recentes, mostram que as associações mentais ativadas de maneira automática e inconsciente da parte de indivíduos que estão indecisos são capazes de influenciar de maneira tendenciosa a escolha que eles realizam: tais escolhas acabam por refletir as avaliações expressas precedentemente de maneira automática”: PIATELLI PALMARINI, M. “La mente invisibile”, in *Corriere della Sera*, 22 de agosto de 2008, p. 39.

da esperança: *Spes prima est inter passiones irascibilis*<sup>8</sup>. Sem a esperança não se realizaria nada, permanecendo paralisados em uma espécie de estado vegetativo, uma vez que toda atividade possível seria julgada de todo inútil. De fato, o indivíduo privado de agressividade é também privado de esperança, como o depressivo crônico, que apresenta uma forte tendência ao suicídio. A agressividade, quando é negada, acaba por desencadear-se contra si mesmo.

Este estreito binômio entre agressividade-raiva-esperança e tristeza-depressão-desespero é fundamental na vida humana, do ponto de vista psicológico, moral e espiritual. Tal espectro de emoções, às vezes etiquetada erroneamente como inútil ou negativa, se reveste de uma notável incidência na estima de si mesmo; a convicção de ser capaz de enfrentar as dificuldades constitui de fato uma forte motivação de vitalidade. Os laços entre esperança, agressividade e vida podem ser, além disso, relacionados ao sistema motivacional em geral: decide-se agir sobretudo se se verifica um significado que ‘vale à pena’ agir e por isso se conclui, mesmo que não conscientemente, que ‘vale a pena viver’. Volta aqui a atualidade de um aforismo de Nietzsche: “Quem tem um porquê na vida pode suportar quase tudo”, um aforismo retomado por V. Frankl.<sup>9</sup>

Com efeito, as pesquisas realizadas em situações de forte hostilidade e perigo de vida, como a reclusão em campos de prisioneiros, confirmam a conexão evidente entre esperança e agressividade. Frequentemente os prisioneiros, durante a reclusão, eram sujeitos de profundas depressões e pensavam em suicídio, e quando se encolerizavam o pensamento da morte desaparecia:

Um modo de prevenir uma morte iminente entre os prisioneiros de guerra que estavam por morrer por causa do desespero, apatia e depressão, era que seus os companheiros fizessem enfurecer-se. Isto sugere não só que a esperança contém um elemento fortemente ‘afetivo’, mas que tal elemento afetivo é de natureza decisivamente combativo (...); a esperança é o resultado de uma mudança afetiva.<sup>10</sup>

---

<sup>8</sup> *Summa Theol.*, I-II, q. 25, a. 3. Sobre a relação entre agressividade e esperança remetemos ao nosso *La forza della debolezza. Aspetti psicologici della vita spirituale*, Roma: AdP, 2007, p. 149-174.

<sup>9</sup> Cf. FRANKL, V. *Uno psicologo nei lager*. Milano: Ares, 1975, p. 129.

<sup>10</sup> HEALY, Th. “Le dinamiche della speranza: aspetti interpersonali”, in L. RULLA (ed.). *Antropologia della vocazione cristiana*. vol. III: Aspetti interpersonali. Bologna: Edb, 1997, 31 s.

A polaridade esperança-agressividade conduz a posteriores conclusões interessantes na linha psicológica, com a tendência a considerar característica peculiar da doença mental a falta de esperança<sup>11</sup>, e, portanto de agressividade, o que mostraria, como mostramos noutra lugar a propósito da auto-estima<sup>12</sup>, a importância do elemento prévio e aparentemente abstrato do juízo cognitivo, da leitura de fundo de um acontecimento no seu valor simbólico: esta leitura reconduz o sujeito ao significado global que, conscientemente ou não, dá à própria vida. Também, do ponto de vista terapêutico um passo relevante é constituído pela capacidade de elaborar uma 'reestruturação cognitiva' que permita o ingresso, já presente, de outros elementos, de outras 'cores' capazes de contrabalancear a prevalência destrutiva do negativo<sup>13</sup>. Porém, para poder realizar isto é importante reconhecer antes de tudo a presença da esperança, como mola interior capaz de conduzir à convicção de 'que a poderemos fazer'.

#### A ESPERANÇA, GRANDE ÓRFÃ DA PESQUISA PSICOLÓGICA

Se a espiritualidade custa às vezes a encontrar um lugar oportuno à agressividade, a contribuição das ciências humanas manifesta ao contrário um forte mal-estar face ao elemento especular da agressividade, a esperança. Ela de fato, estranhamente, não parece interessar muito ao psicólogo. Qualquer que possa ser a causa, nos atinge pelo tom sombrio e pessimista da contribuição psicológica e psicanalítica à vida em geral. O tema da esperança não é muito estudado, aliás, pode ser considerado como o grande ausente da pesquisa de quem trabalha no campo da saúde mental.

A primeira imagem sobre a esperança do ponto de vista psicológico aparece somente no fim dos anos sessenta, quando é publicado nos Estados Unidos o livro *The Psychology of Hope*,

---

<sup>11</sup> "Se há uma coisa que caracteriza toda a forma de doença mental, esta é a falta de esperança": LYNCH, W.F. *Images of Hope. Imagination as Healer of Hopeless*. London: University of Notre Dame Press, 1974, p. 25.

<sup>12</sup> Cf. CUCCI, G. *La forza de la debolezza*, op.cit., p. 126-131.

<sup>13</sup> Cf. BECK, A.T. *Depression. Cause and treatment*. Philadelphia: University Press, 1970, 325 s.

de E. Stotland.<sup>14</sup> Esse livro, no entanto limita a sua pesquisa a poucas coisas, como a saúde, a cura, a capacidade de enfrentar problemas precisos e à curto prazo, evitando, porém toda indagação mais geral, embora sabendo como isso aparece regularmente na relação terapêutica quando deve enfrentar uma situação problemática e de incerteza. Deste ponto de vista parece que foi dado um passo atrás em relação às indagações dos antigos e de Santo Tomás<sup>15</sup>, talvez mesmo por motivo da índole notadamente pessimista do fundador da psicanálise, cujos escritos não deixam certamente muito espaço para a esperança na vida, convidando, sobretudo a olhar em face o sofrimento a não ter muitas ilusões<sup>16</sup>.

A pesquisa psicológica, quando enfrenta um problema específico, é capaz de agir de modo satisfatório e de acordo com as aspirações mais comuns da pessoa, procurando responder ao seu desejo de viver em plenitude, enfrentando problemas e dificuldades específicas que impediriam de gozar da própria vida, consigo mesma e com os outros. Quando, porém as indagações se deslocam para questões mais fundamentais e gerais da vida nota-se um fatalismo sombrio que, se vivido com coerência, deveria conduzir ao desespero. De fato, no momento em que são menores alguns ‘apoios’ concretos que sustentavam o agir e na ausência de um horizonte de sentido maior, por fim não se pode deixar de concluir que a existência humana é de todo absurda. Além da carência de estudos e pesquisas neste campo, é a vivência concreta de alguns psicólogos que confirmam tal êxito final.

Pense-se, por exemplo, no psicanalista Bettelheim, que em face da experiência dos *Lager* lutou agarrando-se à vida com dignidade, levando avante com cuidado e rigor admirável os seus estudos, procurando caminhos de saída, embora na situação trágica em que estava imerso. Apresentando uma coleção de ensaios dedicados a este tema, escrevia a respeito:

---

<sup>14</sup> Cf. STOTLAND, E. *The Psychology of Hope*. San Francisco: Jossey-Bass, 1969.

<sup>15</sup> Também o recente *Dizionario Enciclopedico di Psicologia*, aos cuidados de Galimberti, comumente muito completo, dedica à esperança meia coluna de página (Cf. “Speranza” in GALIMBERTI, V. (Ed.). Milano: Garzanti, 1999, 995 s).

<sup>16</sup> Freud expressou com clareza e honestidade a sua visão fortemente pessimista da existência, sobretudo em duas obras que analisam a civilização e a religião como “produtos culturais” nascidos para aliviar a dureza da vida; cf. FREUD, S. *L'avvenire di un'illusione* (1927), e *Il disagio della civiltà* (1929).

A experiência do campo de concentração unida ao meu trabalho com os indivíduos psicóticos motivou o meu empenho em relação a dois problemas fundamentais e extremamente ligados entre si: que fazer em nível social e em nível individual, mais limitado, mas mais urgente, para prevenir a anomia e a segurança individuais; e como prevenir a desintegração da personalidade, o isolamento e a falta de respeito por si e pelos outros <sup>17</sup>.

Uma vez terminada tal terrível experiência, a pergunta sobre o possível sentido de tudo isto e sobre o sentido da vida em geral é recolocada de modo inelutável. O sentido do que aconteceu é de fato o problema por excelência de quem sobreviveu, um problema ao qual ninguém pode fugir, como confessa Frankl em uma entrevista<sup>18</sup>.

Bettelheim não pôde delinear uma resposta adequada, terminando os seus dias tragicamente com o suicídio, em 1990, na idade de 86 anos: o *lager* por fim, como a pulsão de morte de Freud, tinha vencido. Emerge aqui o limite do delineamento freudiano da vida, partilhada por Bettelheim, segundo o qual o ser humano encontra um sentido pelo qual viver no trabalho, nas relações e na sexualidade, mas quando as forças diminuem, quando diminuem as pessoas queridas (a mulher de Bettelheim morreu algum tempo antes), torna-se lógico concluir que o não-sentido pode estar coberto ao máximo, transferido, mas no fim se impõe. As esperanças em curto prazo antes ou depois cedem lugar ao desespero do niilismo:

Pareceria que a estratégia de desafio, que era tão eficaz para o mais jovem Bettelheim nos campos de concentração, não tem nada de novo a oferecer face à inevitável diminuição da vida mais tardia: o mundo manifestou-se como um grande campo de concentração. As esperanças que antes tinham sustentado a energia de viver deviam ao fim reconhecer a derrota.<sup>19</sup>

Uma situação semelhante encontra-se no caso do psicólogo Kohlberg. O seu estudo sobre a existência e a justificação do senso moral a um certo ponto esbarrou dramaticamente com o tema da esperança e, tornando-se de fato uma questão não re-

---

<sup>17</sup> BETTELHEIM, B. "Presentazione", in ID. *Sopravvivere e altri Saggi*, Milano: SE, 2005.

<sup>18</sup> Cf. FRIES, H. *Teologia fondamentale*. Brescia: Queriniana, 1987, 40s.

<sup>19</sup> HEALY, Th. "Le dinamiche della speranza: aspetti interpersonali", *op.cit.*, p. 58.



solvida, conduziu também a resultados trágicos. A pergunta que guia toda a sua pesquisa: “Por que ser moral?”, chama outra, igualmente importante, e ligada à esperança; “Por que viver?” e, sobretudo: “Como enfrentar a morte?”, a morte própria mas ainda mais a morte das pessoas queridas. Kohlberg não soube dar uma resposta a estas perguntas fundamentais, reconhecendo que elas levariam a reflexão a um outro plano, puramente religioso, um plano que a sua pesquisa não quis tomar em consideração.<sup>20</sup>

Kohlberg se propôs como ideal uma filosofia de tipo estóico, muito próxima a de Freud, embora não desconhecendo como ela nasce no fundo do desespero face à finitude da vida, que poderia ser enfrentada adequadamente somente numa perspectiva de fé, o que Kohlberg chama em sua classificação moral, um “hipotético estágio 7”<sup>21</sup>. Tal possibilidade é comumente deixada na indeterminação procurando um caminho de saída no compromisso social e na pesquisa científica.

Seria todavia de perguntar-se se uma tal proposta pode ser suficiente para enfrentar aquele “sentido de desespero” acenado pelo próprio Kohlberg, particularmente face à situação de grande sofrimento físico e psíquico, por ele mesmo experimentado no curso de sua vida. Para Kohlberg de fato a perspectiva estóica não bastou para dar um significado à própria dor e ao senso de inutilidade que caracterizaram a última parte de sua vida até a sua trágica conclusão: “Os últimos anos da vida de Kohlberg foram atormentados do ponto de vista pessoal e profissional. As condições de saúde pioraram e o divórcio, ao lado da difícil relação com os filhos, tornou problemáticos também os laços familiares.”<sup>22</sup>

Kohlberg suicidou-se em 17 de janeiro de 1987.

---

<sup>20</sup> “Por que ser moral?” Neste ponto a resposta compreende uma outra pergunta do “por que viver?” (e outra paralela: “Como enfrentar a morte?”). E assim a maturidade moral completa pede uma solução madura ao significado do problema da vida, que não é por si mesmo problema moral, mas ontológico ou religioso. Não só não é um problema moral, mas também não é solucionável no terreno puramente lógico e racional como ao contrário o eram os problemas morais (...). Pode ser expressa em termos teístas, mas não necessariamente”: KOHLBERG, L. “Continuities in childhood and adult moral development revisited”. In: BRESCIANI, C.; MANENTI, A. *Psicologia e sviluppo morale della persona*. Bologna: Edb, 1992, p. 331.

<sup>21</sup> “Quando à luz da perspectiva mais infinita nos lembramos da finitude da nossa vida, é ali que aflora o desespero. A insignificância da nossa vida face à morte é a insignificância do finito visto de parte do infinito. Assumir uma perspectiva mais cósmica tem como primeiro passo o desespero, mas termina na sua resolução que é precisamente o estágio 7”: Ibidem, p. 331.

<sup>22</sup> VIGANÒ, R. *Psicologia ed educazione in L. Kohlberg. Un'etica per la società complessa*. Milano: Vita e Pensiero, 1998, p. 180.



## REAVIVAR A ESPERANÇA

A esperança, portanto, não parece estar muito em casa no ambiente psicológico e, tal falta, leva a perguntar se a mensagem de fundo comunicado aos pacientes durante a terapia, longe de infundir-lhes serenidade e gosto pela vida, não conduza no fim a incrementar maior angústia e depressão. Yalom observa como alto número de suicídios entre os psiquiatras<sup>23</sup> constitua talvez uma trágica ilustração ao dilema de dever ser Deus para si mesmo, como se tudo permanecesse confiado às próprias forças: isto nos momentos de maior desconforto corre o risco de fazer cair em um desespero sem caminho de saída, por que abandonados às próprias forças, privados de toda possível “âncora de salvação”. Face às situações particularmente crítica, sem uma razão última de esperança, sem um sentido pelo qual valha à pena empenhar-se e lutar, torna-se muito árduo encontrar motivos para continuar a viver<sup>24</sup>.

A esperança é uma realidade essencialmente conectada à fé, como lembra a Carta aos Hebreus<sup>25</sup>; ela pode encontrar um fundamento somente numa perspectiva transcendente, a ponto que para São Paulo justamente a esperança face à morte constitui o divisor de águas que diferencia o crente do não-crente: “Não queremos deixar-vos na ignorância, irmãos, sobre o que se refere aos mortos, para não ficares tristes como os outros que não têm esperança” (1 Ts 4,13; conforme também Ef 2,12).

O sentido, do qual a esperança gostaria de ser porta-voz, não é de fato justificável com base na esperança empírica, mas como observa Wittgenstein, é posto além dela.<sup>26</sup> As únicas esperanças concretas que dão motivação ao agir cotidiano, para po-

---

<sup>23</sup> Cf. YALOM, Y.D. *Teoria e pratica della psicoterapia di grupo*. Torino: Boringhieri, 1997, p. 332.

<sup>24</sup> É o que precisa o Papa na encíclica a propósito da relação entre esperança, sofrimento e ação: “Certamente em nossos inúmeros sofrimentos e provas temos sempre necessidades de novas pequenas ou grandes esperanças – de uma visita amiga, da cura das feridas internas e externas, da solução positiva de uma crise etc. Mas nas provações menores estes tipos de esperança podem mesmo ser suficientes. Mas nas provações verdadeiramente graves, quando tenho de assumir a decisão definitiva de antepor a verdade ao bem estar, à carreira e à propriedade, a certeza da verdadeira grande esperança de que falamos, faz-se necessária.”: BENTO XVI, Carta encíclica *Spe Salvi*, n. 39.

<sup>25</sup> “A fé é o fundamento das coisas que se esperam”: Hb. 11,1.

<sup>26</sup> “O sentido do mundo deve estar fora dele. No mundo tudo é como é, e tudo acontece como acontece; não há nisso nenhum valor - nem se fosse teria um

der ser 'sensatas' devem atingir à Esperança de uma plenitude de vida maior que os problemas e as dificuldades encontradas. Em tal perspectiva voltar ao tema à esperança absolutamente não paralisa o agir, mas ao contrário leva-o à realização. Como tínhamos visto acima, a esperança é a capacidade de reagir face às dificuldades introduzindo outras cores na vida; de tal modo “não é somente que se acrescenta um elemento a mais no elenco já existente daquilo que se pode esperar; altera-se ao contrário o sentido de cada coisa que está no elenco”.<sup>27</sup> Ela é de fato a única capaz de justificar finalmente todo nosso projeto, levando força e motivação no momento da prova.

A falta de esperança conduz, ao contrário, à paralisia do agir. Em uma visão niilista, ao ensinar a vaidade de tudo, toda a possível iniciativa se torna o cruel prolongamento de um suplício inútil,

(...) um exercício igual a medicar um soldado ferido para mandá-lo novamente a uma batalha que, em última análise, deve perder. No horizonte da fé cristã, ao contrário, a relação interpessoal com Deus que em Cristo libertou o homem da morte (...), significa que as nossas atividades humanas, limitadas como são, podem também ser uma contribuição para construir o reino de Deus, uma contribuição que não será perdida, mas que será purificada e transfigurada pelo reino eterno e universal. Este horizonte não só alcança a esperança da vida eterna, mas dá uma nova dimensão a todas as nossas esperanças de menos valor.”<sup>28</sup>

Para São Tomás a esperança constitui não só uma força para enfrentar e superar problemáticas pontuais; ela oferece a possibilidade de gozar a própria vida, uma vez que tem a tarefa

---

valor. Se um valor que tem um valor deve estar fora de todo futuro e estar - assim é acidental. O que os torna não-acidental não pode estar no mundo, que de outro modo seria, por sua vez, acidental. Deve estar fora do mundo.”: WITTGENSTEIN, L. *Tractatus Logico-philosophicus* e *Quaderni 1914-1916*. Torino: Einaudi, 1964, prop. 6.41, 79. Conforme também o que observa nos *Quaderni*: “Crer em um Deus quer dizer compreender a questão do sentido da vida. Crer em um Deus quer dizer ver que os fatos do mundo não são tudo. Crer em Deus quer dizer que a vida tem um sentido”: *Ibidem*, 174.

<sup>27</sup> HEALY, Th. “Le dinamiche della speranza: aspetti interpersonali”, *op.cit.*, p. 77.

<sup>28</sup> *Ibidem*, p. 77.

de fortificar o desejo, especialmente face às dificuldades. Por sua vez o desejo fornece um tom de prazer à vida<sup>29</sup>: a perspectiva cristã não é, de fato, contrária ao prazer, ela é capaz, sobretudo de dar-lhe uma justificação fundadora.

A esperança, portanto, enquanto parte essencial da dinâmica do viver, deveria encontrar um espaço maior na reflexão cultural, em todos os níveis, evitando o perigo das propostas ensinadas de uma triste rendição nos enfrentamentos da vida, procurando substancialmente limitar-lhes os danos. Daqui o convite, presente na Encíclica, a olhar aqueles grandes testemunhos da esperança que foram os mártires; eles, no momento mais cruento da prova manifestaram um sentido, lá onde tudo parecia humanamente desmenti-lo:

É importante saber: eu posso ainda sempre esperar, mesmo se para a minha vida ou pelo momento histórico que estou vivendo aparentemente não tenho mais nada a esperar. Somente a grande esperança-certeza, que, apesar de todos os malogros, a minha vida pessoal e a história em seu conjunto são protegidas no poder indestrutível do Amor e, graças a isto, possuem por isso um sentido e uma importância, só uma tal esperança pode, naquele caso, dar ainda a coragem de agir e de prosseguir.<sup>30</sup>

Deste modo, delicado talvez, se possa reconhecer-se a contribuição mais preciosa que as ciências humanas poderiam oferecer em relação à importância de uma vida de fé, como valor propriamente humano, capaz de dar força e sensatez a situações objetivamente dolorosas, como recordava o aforismo de Nietzsche já citado.

---

<sup>29</sup> “A esperança pode causar e aumentar o amor seja por motivo do prazer que a acompanha, como por motivo do desejo, pois a esperança reforça o desejo: de fato, não se deseja tão intensamente aquilo que não se espera”: *Summa Theol.*, I-II, q. 27, a. 4, ad 3.

<sup>30</sup> BENTO XVI, Carta encíclica *Spe salvi*, n. 35, conforme também n. 40, onde o Papa, sobre o exemplo dos santos, lembra o antigo costume de oferecer o próprio sofrimento por um bem maior: “O que significa “oferecer”? Essas pessoas estavam convencidas de poderem inserir no grande com-padecer de Cristo suas pequenas canseiras, que entravam assim, de algum modo, a fazer parte de algum modo a fazer parte do tesouro de compaixão de que o gênero humano necessita. Desse modo, também os mesmos pequenos dissabores do dia-a-dia poderiam adquirir um sentido e contribuir para a economia do bem, do amor entre os homens. Deveríamos talvez interrogar-nos se verdadeiramente isso não poderia voltar a ser uma perspectiva sensata também para nós.”